

BJIR

Brazilian Journal of
International Relations

ISSN: 2237-7743 | Edição Quadrimestral | volume 5 | edição nº 3 | 2016

Homenagem a Erasmo

Norberto Bobbio

 Igepri
Instituto de Gestão Pública e
Relações Internacionais

 unesp
Universidade Estadual Paulista
"Júlio de Mesquita Filho"

A Brazilian Journal Of International Relations (BJIR) está indexada no International Political Science Abstracts (IPSA),
EBSCO Publishing e Latindex

HOMENAGEM A ERASMO^{*1}

Norberto Bobbio

Resumo: O texto consiste num discurso pronunciado por Norberto Bobbio em 29 de março de 1996 na Aula Magna da Universidade de Turim, por ocasião do desenvolvimento da Conferência Intergovernamental da União Europeia. Bobbio aborda o pensamento político e o irenismo erasmianos, baseados respectivamente numa concepção cristã de política e numa concepção ético-religiosa de pacifismo.

Palavras-chave: *Erasmus, irenismo, cristianismo, guerra, paz.*

HOMAGE TO ERASMUS

Abstract: This paper is a speech by Norberto Bobbio on March 29, 1996 in the Aula Magna of the University of Turin, on the development of the European Union Intergovernmental Conference. Bobbio addresses the political thought and Erasmians irenicism, respectively, based on a policy of Christian conception and a conception of ethical-religious pacifism.

Keywords: Erasmus, irenicism, Christianity, war, peace

¹ Este texto foi publicado originalmente em *Nuova Antologia*, n. 2201, jan/mar, 1997. Texto do discurso pronunciado em 29 de março de 1996 na Aula Magna da Universidade de Turim, por ocasião do desenvolvimento da Conferência intergovernamental da União Europeia. Agradecemos ao Instituto Norberto Bobbio pela gentileza da cessão dos direitos de tradução e publicação deste texto. Tradução de Erica Salatini.

Quem entra no pátio deste edifício e percorre a ala à esquerda do pórtico para alcançar a escadaria que dá nesta sala não pode deixar de notar uma grande lápide de mármore, construída há mais de cem anos atrás (1876), na qual se lê que Erasmo de Roterdã obteve o título de doutor em teologia nesta Universidade [de Turim], em 4 de setembro de 1506. Também não pode não ser tomado por um gesto de surpresa ao encontrar, lado a lado, os dois nomes: o do grande Erasmo e o da pequena cidade de Turim (que tinha naquela época poucos milhares de habitantes), com a sua desconhecida e mais que venerável Universidade, que, como escreveu Luigi Firpo (que, no episódio da láurea erasminiana, dedicou uma doutíssima narração) era “pouco frequentada e deserta de docentes ilustres”, “modesta escola de província, que não fazia mais que conceder títulos doutorais”.

Em 1506, Erasmo tinha 37 anos. Já havia escrito uma das suas obras que o tornaram famoso, *Enchiridion Militis Christiani* [Manual do militante cristão]. A viagem para a Itália, para visitar as principais cidades, conhecer os doutores mais famosos, frequentar as bibliotecas célebres, era uma velha aspiração sua, que, por diversas circunstâncias, foi obrigado, várias vezes, a adiar. Desta vez, na sua estadia inglesa, a ocasião lhe foi oferecida por um influente genovês, médico do rei da Inglaterra, Giovan Battista Boeri. A partida para Londres ocorreu nos primeiros dias de junho de 1506. Atravessou a França, fez uma longa estadia em Paris, uma parada em Lion, atravessou os Alpes pelas colinas de Moncenisio, Erasmo chegou em Turim no final de agosto. A discussão sobre vários temas teológicos se desenvolveu em 4 de setembro [de 1506], no Palácio do Bispo, na presença de um conselho de teólogos especialistas da Universidade, que o declararam “idôneo e apto” a obter o título de doutor. A razão principal pela qual Erasmo de doutorou na obscura Universidade de Turim, ao invés da ilustre Universidade de Bolonha, para a qual tinha se dirigido, parece ter sido a oportunidade, apresentada por alguns amigos, de ter um título de doutor o mais rápido possível, antes de se apresentar aos doutos que desejava encontrar. Descendo para a Itália pela França, a nossa cidade foi a primeira que ele encontrou em seu caminho. Escreveu mais tarde que tinha recebido o doutorado em teologia “contra a sua vontade e estimulado pelos amigos”. Firpo observa com malícia que nas cartas em que fala da láurea conseguida nunca indica o nome da Universidade de Turim. Consolem-se, porém, os turineses aqui presentes. Em uma carta de muitos anos mais tarde (2 de abril de 1533, poucos anos antes da morte) escreveu: “Em Turim me agradava a extraordinária cortesia (*humanitas*) da população”.

A estadia de Erasmo na Itália durou três anos. Muito amou a Inglaterra, país no qual gostava de viver, pátria do admirado amigo Thomas Morus; pouco amou a Itália e menos ainda os italianos: a estadia na Itália nos últimos anos das proezas do belicoso Júlio II sugeriu-lhe não poucos argumentos para o *Elogio da loucura*, que saiu em 1509. Detestava a arrogância dos doutos que consideravam bárbaros todos os outros povos, especialmente os romanos “que vão sonhando, da maneira mais hilária, as glórias da antiga Roma”. Não faltam, além disso, considerações lisonjeiras aqui e ali sobre Veneza, por exemplo.

Erasmo, não obstante sua frágil saúde, viajou pela Europa, fazendo longas estadias em vários países, mas não adotou nenhum deles. A sua língua é o latim. A sua única pátria – pátria ideal que aspira, mesmo não ignorando que está mais dividida que nunca – é a Europa cristã. Escreve: “Uma vez o Reno separava o Celta do Germânico. Agora o Reno não separa o cristão do cristão”. Mais adiante: “Os Pirineus separam os espanhóis da França, mas não dividem as comunidades da Igreja. O mar divide os ingleses dos franceses, mas não divide a unidade da fé”. A divisão em nações separadas é incompatível com a universalidade do cristianismo. Escreve ainda: “*Ubi bene est, ibi patria est*” [Onde se sentir bem, será seu país]. E ainda: “Se o nome de pátria serve para unir, lembremos que a pátria comum é o mundo”.

Não é nem inglês, nem francês, nem alemão, tanto menos italiano. É europeu. Europeu porque cristão. A única república a qual admite pertencer, e se orgulha disso, é a república daqueles que, enquanto homens de estudo, se reconhecem, dialogam e disputam entre eles, para além das fronteiras. Patriota de nenhuma pátria, atribui a si mesmo o status de *peregrinus* [peregrino], não aquele do cidadão: “*Ego mundi civis esse cupio, communis omnium vel peregrinus*” [Eu desejo ser um cidadão do mundo, em comunidade com outros, ou melhor, um peregrino].

Erasmo, príncipe da paz, como foi chamado. No século em que viveu, o problema da paz tem dois aspectos diversos. A paz religiosa e a política. As duas, de resto, estão estritamente conectadas, uma à outra: as discórdias religiosas não estão nunca desarticuladas das lutas políticas e territoriais, aliás, estão continuamente entrelaçadas a elas.

Os seus escritos políticos aparecem, em uma breve distância um do outro, com um pouco mais de um decênio, o *Elogio da loucura*, de 1509, o *Dulce bellum inexpertis* (em vulgar, *A guerra é doce para quem não a experimenta*) em 1515, em uma nova edição dos *Adágios, Institutio principis christiani* [A educação do príncipe cristão] em 1517, dedicado ao futuro Carlos V, e a *Querela pacis* [Queixa da paz] no mesmo ano.

1517 é o ano em que Martinho Lutero afixa as 95 teses nas portas da Catedral de Wittenberg. No decênio precedente acontecem, na Itália, as empreitadas guerreiras de Júlio II,

que o indignam. Em 1515 o jovem rei da França, Francisco I, invade a Itália e vence a batalha de Marignano. Erasmo comenta: “Existe talvez alguma nação onde não se tenha combatido impiedosamente em terra ou no mar? Qual país não se ensoopou de sangue cristão?” Exclama: “Ó teólogos sem língua, ó bispos mudos, que assistem sem fazer nada a este desastre da humanidade!”

São duas as razões da discórdia que gera infelicidade e sofrimentos infinitos: religiosas e políticas. O inimigo da paz religiosa é o fanatismo, da qual nasce a intolerância pelas ideias dos outros; a obstinação com a qual cada uma das partes sustenta com insistência a própria verdade; a teimosia em defendê-la até a ruptura irremediável de toda tentativa de diálogo sensato, fundado na troca de argumentos; a negação de todo convite à reflexão pacata, à meditação entre teses que não são sempre, como parece a um juízo passional, inconciliáveis. Tema recorrente é a aversão pelas sutis e fúteis disputas dos doutos, em particular dos teólogos que, quanto mais irrelevantes são os temas das disputas, mais insistentemente brigam entre si. Em *Querela pacis* [Queixa da paz], a paz, como a loucura no elogio, fala em primeira pessoa. Viaja pelo mundo todo para encontrar um lugar em que seja respeitada. Após tê-la procurado entre os príncipes, refugia-se, cheia de esperança, entre os doutos: “Que pena!”, exclama. Aqui também, outro gênero de guerra, mesmo que não tão sangrenta, mas não menos demente (*insana*). Um parágrafo do *Elogio* é intitulado: “*Os teólogos, mais loucos que todos*”. Não cessa de ironizar as sutilezas pelas quais estes se comprazem pelo puro gosto da disputa em si mesma. Pretendem cuspir sentenças sobre todo mundo, obrigando os dissidentes, quando têm o poder, a se dobrar às suas anormalidades.

Erasmo é o homem da moderação. A virtude que ele aprecia, sobre todas as outras, nos soberanos e nos grandes homens, é a gentileza (*mansuetudo*). Procura mais nas grandes ideias e nos grandes homens do passado aquilo que os une do que aquilo os divide. Como acontece com as pessoas que estão em contínuo dissídio consigo mesmas, sente a necessidade de estar em harmonia com os outros. Disse sobre si mesmo em terceira pessoa: “Nunca escreveu algo com o qual estivesse satisfeito, não lhe agradava o seu próprio aspecto, e apenas a insistência dos amigos o obrigaram a deixar se retratar”. Foi um homem de dúvidas, mais que de certezas, como convinha ao douto que nunca foi um homem de ação. No final do século, como atesta Giovanni Botero, para contrapor Erasmo a Lutero, tinha se tornado um modo corrente de dizer: “*Erasmus dubitat, Lutherus asseverat*” [Erasmo duvida, Lutero afirma].

Se o inimigo da paz religiosa é o fanatismo, o inimigo da paz política é o *ubris* [orgulho] dos príncipes, a *libido dominandi* [desejo de poder] de que fala Agostinho. Hoje, pós Nietzsche, diríamos a vontade de potência, da qual aprendemos a reconhecer aquilo que

Gerhard Ritter chamou de a “face demoníaca do poder”, considerando seus fundadores Maquiavel versus Thomas Morus, amigo de Erasmo pelas suas afinidades eletivas. O fanatismo gera intolerância: a vontade de potência gera guerra, que se tornou, mas na realidade sempre foi, a condição permanente das relações entre os Estados soberanos. Estes, violando o princípio fundamental sobre o qual deveria ser inspirada a sua conduta, a busca dos bens comuns e da felicidade dos seus povos, tendem a tornar o seu domínio não melhor, mas apenas maior. Quanto mais cristãos são os princípios que a cometem, tanto mais grave a transgressão.

No celebre *adágio*, já mencionado, *Dulce bellum inexpertis*, escreve: “A nossa vida é dominada pela guerra. Não existe trégua. Ela se mostra feroz entre as nações e não economiza nem mesmo as relações parentais, não conhece vínculo de sangue, coloca irmãos contra irmãos, arma os filhos contra o pai”, e, ignomínia ainda maior, “o cristão contra o cristão”.

Erasmo é assombrado, obcecado, atormentado por dois pensamentos que o perseguem. O primeiro se refere à futilidade ou à frivolidade das razões pelas quais os soberanos estão dispostos a se aventurar em guerras sangrentas. Retorna o tema da futilidade, que é a loucura e, como tal, o oposto da sensatez, mas bem mais grave pelas consequências que dela derivam. Este tema antecipa também um dos *topoi* [lugares] da literatura pacifista do futuro: a guerra como “capricho dos príncipes”. O segundo pensamento se volta para a guerra que se manifesta com violência na Europa cristã, entre soberanos que deveriam ter como guia sumário o Evangelho.

A guerra europeia enquanto combatida entre príncipes cristãos se torna, aos olhos de Erasmo, uma verdadeira guerra civil. (Lembro que “guerra civil europeia” foi chamada, não por acaso, a nova guerra dos trinta anos (1914-1945) que conturbou o nosso século.)

Em *Querela pacis* [Queixa da paz], Erasmo coloca a harmonia civil, que reina entre os homens no interior da própria espécie, em contraste com a bestialidade dos homens nas relações entre eles. Uma das suas máximas preferidas: “A natureza ensinou a concórdia, mas o homem quer a discórdia”. (Mas Kant afirmará a máxima oposta: “O homem quer a concórdia, mas a natureza quer, para ajudá-lo a progredir, a discórdia”). Em seu perambular em busca de si mesma, a paz não só aprende que em todos os lugares existe a guerra, mas que em todos os lugares existem também os doutores que a justificam. A teoria tradicional, de Agostinho a Tomás, da guerra justa, não agrada ao príncipe da paz. O qual – afirmação escandalosa – repete: “Melhor uma paz injusta que uma guerra justa”. Mesmo que, com alguma ambigüidade, seja contrário à cruzada contra os Turcos, banida pelo novo pontífice Leon X. Se quiséssemos afastar os Turcos com a guerra – argumenta – transformaríamos nós

mesmos em Turcos. Correríamos o risco de “*ut nos degeneremus in Turcis*” [degeneramos em Turcos]. Conclui: mesmo que possa existir na guerra algo de justo, seria bem difícil encontrar alguma coisa que não seja inspirado pela cólera, pela cobiça, pela ferocidade, pela avidez.

Existem duas formas de pacifismo: o ético-religioso e o institucional ou jurídico. O pacifismo do autor do *Lamento* é sem sombra de dúvida o primeiro.

Erasmo rejeita o ideal dantesco da monarquia universal, que considera um ideal não de paz, mas de guerra. O pacifismo institucional através do direito nasce mais tarde na Europa. O único instrumento jurídico que ele previa era aquele tradicional da arbitragem, mas atribuía esta tarefa não tanto aos príncipes como aos bispos e ao Papa. O futuro da paz não pode ser confiado, segundo Erasmo, senão à educação do príncipe cristão, cujo principal dever deveria ser o de defender a paz interna e a externa do próprio povo.

Na *Educação do príncipe cristão*, que ele compõe nos mesmos anos em que Maquiavel escreve *O príncipe*, o qual é a sua antítese, esboça, assim, as virtudes do soberano ao qual é confiado a manutenção da paz universal: magnanimidade, temperança, honestidade. E indica também os vícios que deveria evitar: “Se quiser entrar em competição com outros príncipes, não julgar tê-los vencido porque lhes tolheu parte de seus domínios. Se for menos corrupto que eles, menos avaro, arrogante, irascível, precipitado, realmente os vencerá”.

Nos mesmos anos, Maquiavel, no famoso cap. XVIII de *O príncipe*, escrevia, ao contrário: “Faça um príncipe vencer e manter o estado: os meios serão julgados honrosos e louvados por todos”.

O século de Erasmo estava, então, no começo. Não conheceu nem a paz religiosa e nem a política. O sonho de Erasmo não se tornou realidade. Nós estamos no fim do nosso século e as duas maiores grandes guerras na história da humanidade, nós as temos nas costas. Não podemos dizer que somos “inexperientes”. E mesmo assim nós não estamos certos que este sonho se torne real. Mas não é necessário estar certo, como não estava Erasmo, para continuar a segui-lo.

Recebido em: Outubro de 2016;

Aprovado em: Novembro de 2016.